

ROGÉRIO FERRAZ DE ANDRADE
[organizador]

Pensar o presente e o futuro da educação



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Pensar o presente e o futuro da educação / organizado por Rogério Ferraz de Andrade - São Paulo : Paulinas, 2022.
160 p.

ISBN 978-65-5808-141-8

1. Educação – Aspectos sociais 2. Pacto Educativo Global
3. Francisco, Papa, 1936- Pacto Educativo Global 4. Sociedade I.
Andrade, Rogério Ferraz de

22-1278

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Marina Mendonça*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Revisão: *Fabiola Medeiros*

Gerente de produção: *Felício Calegare Neto*

Capa: *Lucas Hossein*

Diagramação: *Telma Custódio*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema de banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 — São Paulo — SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>

editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo — São Paulo, 2022

Sumário

Apresentação.....	7
<i>Dom Leomar Brustolin</i>	
I. A cultura do encontro.....	11
<i>Rogério Ferraz de Andrade</i>	
II. Humanismo solidário e a educação para a alteridade	25
<i>Douglas Eliesler Justen</i>	
III. Alfabetização integral: o que requer essa proposta?	37
<i>Daniela Pedra Mattos</i>	
IV. Pacto educativo global, ensino religioso e pastoral escolar: uma articulação em diferentes espaços	53
<i>José Adilson Antunes</i>	
V. Pacto Educativo Global nas escolas de Educação Básica	63
<i>Júlio Resende</i>	
VI. Pacto educativo global e as universidades católicas.....	79
<i>Paulo Fossatti</i>	
VII. Gestão das instituições educativas a partir do Pacto Educativo Global do Papa Francisco	91
<i>Jardelino Menegat e Roberto Carlos Ramos</i>	
VIII. Experiências exitosas em torno do Pacto Global.....	113
<i>Cláudia Chesini</i>	

IX. Cultivar a espiritualidade: uma conversa com educadoras(es)	131
<i>Afonso Murad</i>	
Epílogo	151
<i>Dom João Justino de Medeiros Silva</i>	
Os autores	157

Apresentação

Com satisfação apresentamos esta obra, que traz relevantes reflexões para compreender e acolher a proposta do Papa Francisco sobre o Pacto Educativo Global. Ela é resultado de saberes e práticas de educadores atentos aos sinais dos tempos, capazes de discernir as urgências e propor caminhos para uma educação humanista, integral e solidária.

Na fidelidade aos sinais dos tempos, esta coletânea de artigos é publicada em um contexto altamente desafiador para a humanidade: o fim da pandemia da Covid-19 e a Guerra entre Rússia e Ucrânia, que atingem proporções mundiais. Falar de educação nessas condições remete-nos ao pensamento do filósofo e escritor Albert Camus, em seu romance *A Peste*, de 1947, quando escreveu: “Os flagelos, na verdade, são uma coisa comum, mas é difícil acreditar neles quando se abatem sobre nós. Houve no mundo tantas pestes quanto guerras. E, contudo, as pestes, como as guerras, encontram sempre as pessoas igualmente desprevenidas”.

Para além da pandemia e da guerra, abateu-se sobre nós, sobretudo no Brasil, um importante agravamento da situação da educação, apresentando resultados preocupantes para qualquer educador sério e comprometido com sua missão. Apenas como exemplo, recorde-se a publicação do relatório da Unicef em janeiro de 2022, indicando que, de cada dez alunos, um não pretende voltar à escola no Brasil após a pandemia, e que 70% das crianças brasileiras são incapazes de ler e entender os textos. Antes da pandemia o índice era de 53%.

Outros elementos que interpelam sobre uma maior atenção à emergência educativa é o fato de que no Brasil, durante a pandemia,

chegou-se a perder mais de 70 semanas de aulas presenciais. Na Europa esse índice foi em torno de doze semanas. Igualmente é preciso perceber os cortes que a educação recebeu no orçamento do país, e o agravamento da crise econômica e social que afetou o mundo do trabalho, a moradia e o estilo de vida de muitas crianças e adolescentes, especialmente sem acesso à merenda escolar. Ninguém pode negar que muitos estudantes brasileiros dependem da alimentação servida nas escolas e obras sociais para sobreviver.

Embora os sinais sejam alarmantes, é preciso tomar consciência da realidade e não cair na ideologia perigosa que apregoa o caos, sustentando que a geração que viveu a pandemia e a guerra está perdida em termos de aprendizagem e sem possibilidades de um futuro melhor. Tal percepção contraria a proposta do Pacto Educativo Global, que insiste no valor da pessoa e na necessidade de uma ousada criatividade, e por isso provoca uma mudança de paradigma na família, na escola, na sociedade e no governo. O valor da pessoa humana é inalienável, e qualquer negociação sobre essa dignidade é altamente prejudicial e nega a verdade.

Para discernir nesse contexto de noite escura, vale recordar Ariano Suassuna, que afirmou: “O otimista é um tolo. O pessimista, um chato. Bom mesmo é ser um realista esperançoso”. Com esperança é que nos propomos a ler as páginas que seguem, evitando toda presunção de uma falsa esperança de quem é otimista inconsequente. Tampouco vale o pessimismo dos que perderam a esperança no ser humano. É preciso ser realista, indicando luzes e sombras do atual contexto, mas renovando a esperança, recordando o que disse o Papa Francisco: “Toda mudança de atitude passa pela educação”.

Para ser propositivo, o educador e toda pessoa de boa vontade hão de ocupar-se em buscar indicadores de novas práticas capazes de oferecer novas propostas educativas. Para o Papa Francisco, a educação é um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história.

Ela se apresenta como o antídoto natural à cultura individualista, que às vezes se degenera em um verdadeiro culto ao “ego” e no primado da indiferença. Francisco destaca as preocupações com os índices de pobreza, as crises existenciais e a questão da sustentabilidade da vida no planeta como razões para propor uma nova educação.

Ao trabalhar nessa perspectiva, o Papa amplia enormemente a compreensão comumente guardada a respeito da educação. Muito mais do que uma sistemática de ensino e aprendizagem, a educação é o processo através do qual a humanidade emergiu na Terra. É através dela que cada ser humano se apropria da cultura, da memória e, portanto, da própria identidade. A educação ultrapassa e transcende escolas, universidades e quaisquer sistemas de ensino ou avaliação, ainda que se concretize principalmente nesses lugares e processos.

É preciso superar propostas educativas focadas na utilidade, no resultado, na funcionalidade e na burocracia, que confundem educação com instrução e acabam por fragmentar as culturas. É urgente trabalhar por uma cultura integral, participativa e poliédrica. Também é necessário problematizar algumas visões a respeito de educação cultivadas em nosso meio, pois ainda persiste a ideia de que educação é algo que se realiza como simples “transmissão” de conhecimentos, quando se sabe que aprendizagem é algo que se dá na experiência concreta, devidamente mediada por quem tem formação para tanto.

Há um provérbio africano repetido pelo Papa Francisco que diz: “Para educar uma criança é preciso uma aldeia inteira”. Assim, compreende-se como todos precisam cooperar com iniciativas criativas que ajudem os governantes a priorizar a educação integral. Urge repensar as escolhas que estão sendo feitas e o modelo de sociedade e de pessoa humana que estamos formando. Na proposta de uma educação integral cabe à família, à instituição de ensino e a toda a sociedade, apesar das dificuldades e resistências, não perder o sonho

de uma humanidade nova, pois, ao assumir a missão de educar, o ser humano eleva sua capacidade de pensar e construir um mundo melhor. Alguém poderia achar isso utópico e irrealizável, contudo, quem conhece a força da educação sabe o quanto ela é capaz de construir o imprevisível no serviço do bem comum.

O Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco pretende despertar para essa nova solidariedade universal e trabalhar por uma sociedade mais acolhedora, o que implica promover uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. Tal opção exige atitudes fortes, tendo a coragem de colocar no centro do processo educativo a pessoa, e formando para um estilo de vida que rejeite a cultura do descarte. Uma segunda coragem ressaltada pelo Pacto é a capacidade de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade. Finalmente, a coragem de formar pessoas disponíveis ao serviço da comunidade.

Desejamos que os textos que formam esta coletânea possam suscitar um novo e esperançoso olhar sobre a realidade. Sempre tem jeito! Não desanimar nem desistir tornam-se imperativos para quem acredita que a vida sempre é maior do que todas as forças da morte. Por isso, vale recordar o que escreveu o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'*, que serviu de germe para o Pacto Educativo Global: “A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis se não se preocupar também por difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza”.

† Dom Leomar Antônio Brustolin
Arcebispo Metropolitano de Santa Maria

I. A cultura do encontro

Rogério Ferraz de Andrade

O ser humano é essencialmente social. Tornamo-nos humanos à medida que convivemos, aprendemos, compartilhamos e construímos juntos projetos de vida individual e comunitária. Definimos, através das nossas opções, qual o tipo de mundo em que desejamos viver e quais os valores que pretendemos transmitir às futuras gerações. Tudo o que para nós constitui-se em valor forma o que denominamos “cultura”.

Um rápido mas atento olhar em direção ao que nos circunda, ao mundo atual com as suas mazelas, seus revezes e suas contradições poderia apavorar-nos a ponto de pensarmos que tudo está perdido. Há tantas situações humilhantes pelas quais passam muitos seres humanos que quase nos fazem desacreditar em um futuro melhor, no qual as pessoas sejam capazes de viver em fraternidade. Ocorrem-nos a tentação de fugir da realidade, fazer de conta que não vemos este mundo tão conturbado, confuso, em suas propostas tão sedutoras que levam milhões de pessoas à ilusão de uma liberdade cujo apoio encontra-se tão somente em ser reconhecido pela capacidade de consumo, tornando-nos servos dos bens produzidos e descartados em sucessão contínua.

A potencialização e o alcance das redes digitais revelaram-se grandes promotores da transformação da vida atual. Elas determinam o uso do tempo e a quem dedicamos nossa atenção. Boa parte da humanidade vive conectada, mas distante de si mesma e daqueles por quem dizem nutrir afeto e que são, em última instância, a razão de seu viver. Surge uma nova cultura tão multifacetada que é

simplesmente impossível aplicar-lhe uma única definição. Assim, temos um arcabouço complexo construído por sociólogos, antropólogos, filósofos, economistas e vários outros atores de muitas diferentes áreas. Cada um olha para a realidade a partir do ponto em que se encontra ou daquilo que lhe é mais significativo. Não são estranhos os termos “modernidade líquida”, “era do acesso”, “era da hipermodernidade”, “era do pós-humano”, e por aí afora.

Diante de tudo isso vemos que o principal ingrediente da cultura, a pessoa, pois sem esta aquela não existe, sente-se retraída e muitas vezes isolada em meio à balbúrdia. Perdemos a rota do encontro. Já não nos encontramos nem conosco mesmos nem com os outros. Chega-se à conclusão de que há uma necessidade urgente de dar um *stop* ou ao menos um *pause*, a fim de vermos o que estamos fazendo de nós mesmos e deste mundo que habitamos. Qual o tom dessa cultura forjada entre o delírio da onipotência de quem deseja tudo possuir – e para já!? Nesse mesmo ímpeto, compreendemos a urgência de ousarmos forjar uma nova cultura. Essa cultura, no sentido radical da palavra, consiste em cultivar, cultuar e aprimorar as relações sociais, pois delas dependem o presente e o futuro das gerações que aí estão e das que virão.

O Papa Francisco, ao propor um movimento mundial em torno da educação, chama-nos a promover a “cultura do encontro”. Não é mais possível que passemos ao largo de tantas realidades que dizem respeito a todos, sem nos determos e buscarmos juntos soluções para os problemas que nos circundam. Evidentemente há muitos problemas, mas o principal deles é e será sempre o problema humano. Essa questão sempre recorrente e nunca resolvida. Em que consiste e que caminhos escolher para que nossa humanidade não se resuma à dimensão racional, econômica ou outra que queira impor-se, uma vez que o valor da pessoa está muito além de qualquer reducionismo.

Ao nos dedicarmos à “cultura do encontro”, enquanto *leitmotiv* do Pacto Educativo Global, proponho três pegadas: (1) a vida como projeto; (2) a educação entre luzes e sombras; e (3) educar-NOS para o encontro. Tais perspectivas serão deslindadas com a lupa do Evangelho, uma vez que este é o balizador em torno do qual sonhamos e ousamos “esperar”, com corações iluminados e mangas arregaçadas, o alvorecer desta nova cultura. Não mais a cultura do individualismo, do cada um por si, mas a cultura do *encontro*, que com certeza será muito mais enriquecedora, com augúrios mais promissores para toda a humanidade.

1. A vida como projeto

“O ser humano não se entende situado no mundo como espectador; as suas funções cognitivas não se contentam em conhecer as coisas como são; o ser constrói-se também dos projetos de mudança, projetos que guiam as ações do sujeito” (NUTTIN, 1983, p. 157). A vida humana é projeto. Não nascemos prontos nem biológica, nem espiritual, nem socialmente. O homem é um ser em devir, isto é, um ser que vai se tornando pouco a pouco.

Os seres humanos são anatomicamente indigentes, dispõem de um projeto tosco e sem finalidade precisa, mas suportam mudanças e compensam, com sua atividade inventiva, as limitações que os afligem. Transformam a necessidade em virtude e *convertem* sua imprecisão básica em estímulo e possibilidade flexível de adaptação (SAVATER, p. 24-25).

Da mesma forma como não vemos a semente germinar, mas percebemos quando a semente tornou-se broto, planta e cumpriu seu processo, é possível observar o desenvolvimento dos indivíduos no âmbito social. Nossas ações, reações e opções explicitam os projetos mais íntimos que perseguimos.

São os projetos que motivam e movem a vida. Sem eles, a vida vira absurdo e perdemo-nos na insignificância. O ser humano é ser de projeto! Mas como ele não vive só, precisa conciliar os anseios pessoais com as normas e os costumes, contribuindo para que a sociedade alcance um nível mais pleno de interação e de progresso. Aqui se encontra o ponto crucial em relação aos vínculos que se estabelecem entre o indivíduo e a sociedade em que vive: pensar a vida como um projeto, com o fim de contribuir com o seu tempo, qualificando-se e qualificando a sua presença no âmbito em que habita.

O desenvolvimento desenfreado da oferta de produtos para consumo, aliado às concepções positivistas e neoliberais que colocam a capacidade de compra acima de qualquer outro valor, têm incentivado e promovido o desenvolvimento de uma cultura egocêntrica (nas palavras do Papa: “autorreferenciais”), que levam a pessoa a ver a competição, muitas vezes deletéria, como condição *sine qua non* para sobreviver no mercado do trabalho, estendendo seus laços às relações mais pessoais, incluindo a família, a igreja e os espaços educativos. Trata-se da cultura do “salve-se quem puder”.

Projetos pessoais individualistas tendem a fortalecer a competição como meio e a meritocracia como justificativa dos resultados desiguais. Um projeto de vida articulado com o projeto de sociedade pode colocar em seu núcleo central a pessoa humana, a cooperação e a superação das desigualdades (CF, 38).

A humanidade já tem suficientes dados para compreender a impossibilidade de uma paz social e de justiça para todos, caso não haja uma mudança cultural na construção dos projetos existenciais. A sociedade não se constrói com pequenas vontades, mas com o consenso sobre os melhores caminhos, a fim de que ninguém seja negligenciado ou, o que é pior, excluído, renegado e reduzido à insignificância.

O conceito de “bem viver” compartilhado pela cultura *Kichwa*, nascido no Equador, aponta-nos um horizonte centrado no coletivo como caminho de possibilidade diante da crise atual do capitalismo, com vistas à construção de uma nova civilização, na intenção de democratizar os espaços e compartilhar a vida. “Se o desenvolvimento trata de ‘ocidentalizar’ a vida no planeta, o bem viver resgata as diversidades, valoriza e respeita o outro” (ACOSTA, p. 90, 2016). Esta e outras iniciativas podem tornar-se âncoras preciosas no que diz respeito às reflexões sobre a característica inigualável do ser humano de mudar as coisas e a própria realidade.

Somos seres de inteligência, capazes de alterar o rumo traçado e empreender novas rotas. A qualquer tempo da vida, é possível repensar o caminho. A cultura que ora tem como apanágio o “eu” não está posta para todo o sempre. É possível pensar alternativas que promovam um pensar mais coletivo e menos individualista.

Na contramão do que determina a Organização Mundial do Comércio para os países em desenvolvimento, faz-se necessário promover uma educação que ajude a empreender um projeto de vida mais voltado para o bem da sociedade, com vistas à cidadania e à colaboratividade. Nisso constitui o mote para a proposta de Francisco, em relação ao Pacto Educativo Global: agregar forças para uma educação que humanize a pessoa.

2. A educação entre luzes e sombras

Educar nunca foi tarefa fácil. A preparação de uma pessoa para a vida sempre foi resultado artesanal de muitas mãos. Apesar de desafiadora, é pela educação que uma geração transmite à outra os valores, as lições que viabilizam a continuidade da espécie humana e, por que não dizer, a evolução da própria humanidade.

A modernidade e, em sequência, a pós-modernidade atribuíram à escola muitas outras tarefas, devido ao contexto das famílias, à

pressa e aos ajustes necessários de deslocamento, de conforto e de facilidade. Hoje, não são poucas as crianças que passam praticamente o dia todo na escola. Os educadores fazem muitas vezes o papel de professores e pais. Cabe-lhes muito mais do que ensinar conteúdo. Passam a ensinar vivências, formas de relacionamento, imprimindo neles as visões de mundo, conforme lhes parece mais razoável.

A era digital, por exemplo, trouxe inúmeros desafios à educação. Recoloca-se, enfim, o lugar do professor, conduzindo-o a repensar o essencial de sua tarefa. O que por muito tempo parecia ser o centro da ação dos docentes, agora fica à margem. Urge repensar o conhecimento, de modo que o foco educativo se altere. “[...] do trabalho rotineiro que pode ser automatizado e, portanto, externalizado, para as tarefas cognitivas de ordem superior” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 24). Ser professor hoje é mais do que ensinar a pensar. É dispor-se a ensinar a pensar sobre o próprio pensamento. Refletir sobre as próprias reflexões, opções, visões de mundo e sobre o agir cotidiano.

Além disso, há também os desafios decorrentes da própria profissão do educador. O documento *Educação, Igreja e Sociedade*, número 47, da CNBB, descreveu alguns desses desafios ao recordar a desqualificação social e profissional do professor, a pouca participação da família, as questões da tecnologia sempre mais avançadas e a própria cultura como promotora de processos educativos.

Reverberando os conflitos que intrigam a sociedade, a escola vê-se na encruzilhada entre abrir-se para as questões sociais e a pecha de fazer política partidária. Nem sempre é fácil o discernimento que ajuda a garantir o respeito aos diferentes posicionamentos e ao exercício da democracia, inclusive no que diz respeito à autonomia docente. Considero esse um problema capital em âmbito educativo: o respeito à trajetória acadêmica do professor, que não é e não pode ser apenas um repassador de conteúdo, mas cuja essência da profissão consiste em instigar o livre pensamento, a pesquisa e a liberdade de expressão.

Nessa seara, a Campanha da Fraternidade explicita a necessidade de uma educação que não feche os olhos para os reais problemas que muitos educadores e gestores enfrentam:

É preciso uma séria reflexão sobre as questões relativas à educação de qualidade social, a fim de ampliar a concepção focada apenas na escala social individual e descomprometida com as questões humanitárias e com o futuro da sociedade onde vivem as pessoas. Urge aos responsáveis pelos programas educativos pensar: que metodologias, práticas avaliativas e opções pedagógicas e de constituição curricular permitiriam processos mais equânimes e inclusivos em todos os âmbitos da educação formal? A precariedade a que estão sujeitas algumas instituições públicas de ensino, com o enfrentamento de dificuldades que perpassam o uso inadequado de investimentos em pesquisas, extensão, até a falta de recurso para o ensino, não pode ser ignorada (CF, 114).

Obviamente não existem apenas problemas no foro educativo. Quem conhece os espaços e as práticas da grande maioria das escolas do Brasil, sabe da força hercúlea e o heroísmo de milhares de educadores trabalhando à exaustão por uma educação que garanta às gerações pelas quais são responsáveis experiências de aprendizagem, de integração, de solidariedade e criatividade. Inúmeros projetos, nascidos no chão da escola, têm ajudado a transformar a vida de comunidades por meio da educação. Congregações religiosas, redes de ensino, parcerias entre redes de ensino têm semeado esperança onde já havia poucas luzes em relação ao futuro de jovens e crianças. Isso é motivo para celebrarmos e multiplicarmos programas semelhantes, que façam a diferença na vida de muitos, especialmente dos mais pobres. Universidades e escolas saindo para além dos muros que as cercam, entrando em contato com a vida como ela é, promovendo a sensibilidade diante do sofrimento, a solidariedade para com os que mais precisam e fazendo germinar uma nova cultura, são pequenos sinais da cultura do encontro em detrimento da cultura egoísta.

Para muitos, a escola tem sido a porta por onde passam os sonhos de uma vida mais digna, que garanta espaço social a muitos “invisíveis”, devido a sua colocação econômica. Infelizmente há retrocessos nas políticas públicas que garantem isonomia e acesso igualitário às classes das boas escolas e universidades.

Enfim, em qualquer âmbito educativo, faz-se importante não esquecer o essencial da missão docente:

A tarefa educativa, o desenvolvimento de hábitos solidários, a capacidade de pensar a vida humana de forma mais integral, a profundidade espiritual são realidades necessárias para dar qualidade às relações humanas, de modo que seja a própria sociedade a reagir ante as próprias injustiças, as aberrações, os abusos dos poderes econômicos, tecnológicos, políticos e midiáticos (FT, 167).

3. Educar-NOS para o encontro

Muitas transformações ocorreram desde que o Papa Francisco nos desafiou a pensar um Pacto Global pela Educação. Pessoas de todas as classes sociais, educadores de todos os níveis de ensino, religiosos, leigos e até mesmo instituições não vinculadas a nenhum movimento eclesial têm-se envolvido em pensar ações coletivas, visando tornar realidade essa aliança por uma educação que promova os valores humanos e coloque a pessoa no centro. Bem afirmou Alonso Puig que, “[...] quando uma pessoa decide aprender, começa a mudar seu cérebro” (apud PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 56).

Ao acolhermos esse convite e esse – tremendo – desafio, iniciamos um processo de autoeducação para a cultura do encontro. Agora ela não é somente ideal como também já podemos vislumbrar traços de realidade encarnada. O projeto não é apenas mais um projeto. Trata-se de algo substancial que vai gestando o novo e permitindo uma

experiência feliz de proposição de valores, que remetem ao essencial do viver cristão: o viver em comunidade. “Projetos são necessários, é claro, porque algo *novo* está para ser criado; algo que existe, que já se faz presente lá fora, no mundo tal como ele é, está para ser alterado” (BAUMAN, 2005, p. 3).

O que está para ser transformado, antes de tudo, tem a ver com as relações que estabelecemos e que pautam o nosso agir e viver em sociedade. Abrir-se aos outros exige um aprendizado. A cultura do encontro não acontece por acaso. Nasce do esforço pessoal e social, munida de capacidade de diálogo, de escuta e de acolhida do outro, especialmente dos diferentes.

Há, atualmente, uma tendência ao “cancelamento” dos que destoam de nossas teorias e posicionamentos. Buscamos, quase de forma inconsciente, apenas os que confirmam nossa forma de ser e de viver. Escutar, como afirma o manual da Campanha da Fraternidade, é essencial.

O que escutamos e como escutamos orienta nosso fazer cotidiano e a própria sociedade: escutar é uma condição para nossas relações, para a compreensão do que se passa, para o diagnóstico dos caminhos que devemos tomar e, especialmente, escutar é uma condição para falar com sabedoria e ensinar com amor (CF, 2021, p. 27).

Abrir-se ao encontro, estar disposto a aprender com os outros, a compartilhar suas fraquezas e suas esperanças, lembrando-nos de que o aprender e o mudar são tarefas para a vida inteira. Nunca chegamos ao final dessa jornada tão grandiosa, que é a *autopoiese*, a autoconstrução. Tem a ver também com nossas escolhas, pois nascer é contingência, tornar-se humano é decisão. Não temos a receita de como alguém se torna humano. É preciso redescobrir a cada passo da história o que nos aproxima do ideal de humanidade, centrada na fraternidade e no amor.

No início do século XXI, Giddens dizia que estávamos vivendo “[...] num mundo de transformações, que afetam quase todos os aspectos do que fazemos” (GIDDENS, 2002, p. 17). Seguindo essa lógica, por que não poderíamos dar curso a processos que transformem os que estão ao nosso redor, os que convivem conosco, aqueles com quem estabelecemos interações educativas, afetivas e espirituais no sentido de mobilizarmos e desenvolvermos projetos que promovam essa cultura do encontro e do respeito, que nos motiva Francisco e o Pacto Global como um todo?

No alvorecer dessa nova cultura que vai sendo gestada, encontram-se as escolhas que fazemos. Os que escolhem a humanidade à massificação, o diálogo ao fechamento e o crescimento à entropia transformam-se em arautos dessa nova cultura, que surge com um novo viés embasado em uma educação aberta a um futuro inédito, em outro mundo possível.

Os humanos devem educar os humanos e pactuar acordos entre si, mas nunca “fabricar” replicantes de acordo com projetos que os privem de sua filiação aleatória e de sua liberdade de escolha. Engendrar e criar semelhantes é humano, mas não desenhar modelos segundo o capricho de ocasionais presunções que a tecnologia permite e o mercado torna rentáveis. Que o humano reconheça o humano, em parte por ser natural e em parte por fraternidade simbólica (todos nos parecemos mais, de mil modos essenciais, do que nossa diversidade de culturas costuma revelar); que busque a humanidade sob a pluralidade de suas manifestações; que os homens cresçam e vivam entre humanos, sempre valiosos uns para os outros, porém, que jamais sejam manufatura artificial dos outros; que passem a se considerar, assimetricamente, já não como semelhantes, mas como criadores. É esse, se não me engano, o projeto que escolhe hoje a aposta pela humanidade (SAVATER, 2012, p. 154).

O Pacto Global abre à nossa frente um leque de multicores possibilidades, a fim de deixarmos marcas positivas às futuras gerações e, ao mesmo tempo, que nos ajudem a vivermos uma vida com mais leveza, compreendendo-nos como partícipes na construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Considerações finais

A vida cristã nunca teve e jamais terá um olhar pessimista e fadado à resignação. Pelo contrário, o evangelho sempre foi considerado o livro de inspiração para quem acredita na possibilidade da transformação. Nesse sentido, ele é revolucionário, pois revoluciona a vida e nos faz abrir os olhos para horizontes mais promissores que se descortinam diante de nós.

Teilhard de Chardin teria afirmado que “o futuro será muito mais bonito do que todos os passados”. Não se trata de uma esperança vazia, de um otimismo ingênuo de quem espera milagrosamente a transformação da realidade. Ao contrário, consiste na esperança ativa de quem se põe em marcha a lutar para que, passo a passo, gradativamente, as coisas comecem a mudar.

Quem trabalha na educação, implícita e explicitamente, expressa seu ato de fé na vida, na possibilidade de crescimento e de transformação humana, mas sabe-se também incluído no *roll* dos que precisam aprender continuamente, abrindo-se ao diálogo com os diferentes, ao chamado da realidade em suas dimensões ora limitantes, ora esplendorosas.

O caminho não está feito. Dessa jornada, estamos ainda nas primeiras páginas, que estão sendo escritas. A educação e os educadores têm uma contribuição enorme em promover espaços de encontro, de escuta, de discernimento e de acolhida.

Talvez não consigamos desfazer todos os muros que ainda se levantam e que separam as pessoas, seja por ideologias políticas, classe social, religião ou outras divisões inventadas equivocadamente pela ignorância, seja mais ainda pelo desconhecimento da riqueza que habita no outro. A utopia de uma fraternidade universal ainda parece distante. Mais importante do que isso, porém, é o primeiro passo, a disposição, a liberdade interior e o empenho local para gerar pequenas fraternidades, que possam ir contagiando mais gente até que muitos compreendam e vivam a alegria do encontro e o enriquecimento mútuo. Deixemos ao Santo Padre a palavra final deste texto. Ele ressalta a importância da criação de laços entre as gerações para desfazer o fantasma aterrorizante da divisão e da exclusão. Colocar a “cultura do encontro” como prioridade na pauta educativa será nossa resposta ao apelo do pontífice, que conta conosco para tornar este mundo mais belo e mais humano.

Uma terra será fecunda, um povo dará frutos e será capaz de gerar o amanhã apenas à medida que der vida a relações de pertença entre os seus membros, à medida que criar laços de integração entre as gerações e as diferentes comunidades que o compõem e, ainda, à medida que quebrar as espirais que obscurecem os sentidos, afastando-nos sempre uns dos outros (FT, 53).

Referências

- ACOSTA, A. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária/Elefante, 2016.
- CNBB. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2022*. Brasília: Edições CNBB, 2021.
- FRANCISCO, P. *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*. São Paulo: Paulinas, 2020.

- GIDDENS, A. *Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- NUTTIN, J. *Teoria della motivazione umana: dal bisogno alla progettazione*. Roma: Armando, 1983.
- PÉREZ GÓMEZ, A. *Educação na era digital: a escola educativa*. Porto Alegre: Penso, 2015.
- SAVATER, F. *A importância das escolhas*. São Paulo: Planeta, 2012.